

SEXUALIDADE NA VELHICE¹

SEXUALITY AT OLD AGE

Vanessa Oliveira Solis²
Marcos Pippi de Medeiros³

RESUMO

A constatação de que compartilhamos uma sociedade bastante preconceituosa no que se refere às questões da velhice faz-nos a refletir sobre o lugar ocupado pelo velho, hoje, em meio a uma cultura que prima pela juventude, pela saúde e pela beleza física. Então sobre a sexualidade, é imposta aos velhos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgásmica, de excitabilidade e, principalmente, de desejo. Como o corpo continua a se manifestar, o resultado é uma vivência da sexualidade repleta de culpa, vergonha e repressões. Com este estudo, pretende-se refletir sobre as conseqüências desta pressão exercida sobre os idosos não só pela família, instituições e sociedade, como também a dificuldade de aceitação da sua própria sexualidade. E ainda se analisam aspectos pertinentes ao tempo no que se refere à construção ou desconstrução da imagem corporal, como parte do processo de envelhecimento; verifica-se o valor da morte e do tempo cronológico como fatores que possam interferir na sexualidade na velhice e, por fim, busca-se um maior entendimento sobre os elos eróticos e sexuais conflitantes realizados na maturidade. Partindo dessas questões, haverá qualificação deste trabalho, utilizando de uma pesquisa bibliográfica no âmbito da teoria psicanalítica.

Palavras-chave: velhice, sexualidade, sociedade e psicanálise.

ABSTRACT

The observation that we share a society which deals with a lot of prejudice against issues of the old age makes us reflect upon the place the elderly occupy nowadays, in the middle of a culture in which youth, health and physical beauty are given priority. Concerning sexuality, thus, the elderly are imposed the obligation to present an orgasmic dysfunction of excitability and, mainly, of desire. As the body continues to manifest itself, the result is an experience of sexuality full of guilty, shame and repressions. In this study, it is intended to reflect on the consequences of this pressure

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientador - UNIFRA.

exerted on the elderly by the family, institutions and society, as well as the difficulty in accepting their own sexuality. Aspects pertaining to time in reference to the construction or deconstruction of the body image, as part of the aging process, are also analyzed; it is verified the value of death and the chronological time as factors that may interfere in the sexuality at old age and, in the end, it is searched for a better understanding of the conflicting erotic and sexual links made at maturity. Starting from these questions, there will be a qualification of this work by using a bibliographical research within the ambit of the psychoanalytical theory.

Keywords: old age, sexuality, society and psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que, de modo geral, nossa sociedade pode ser caracterizada como uma sociedade “gerontofóbica”. Em outras palavras: os velhos que, antigamente, eram valorizados pela sua experiência de vida, hoje são marginalizados e destituídos de seu papel social. Velhice tornou-se sinônimo de perda e chegamos ao ponto de utilizarmos a palavra “velho” com uma conotação de ofensa. No que se refere então à sexualidade na velhice, podemos esperar algo ainda pior: o relacionamento sexual, nesta fase, tornou-se motivo de piadas, sendo encarado como ridículo, ou é visto ainda como uma “indecência” e não como uma manifestação de desejo. Dessa forma, impõe-se aos velhos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgásmica de excitabilidade e, principalmente, de desejo. E o corpo, alheio a essas normas, continua a se manifestar, o que resulta numa vivência da sexualidade por parte dos idosos repleta de culpa, vergonha e repressões.

Mesmo conscientes de que não há nenhum fator determinante para que a sexualidade se extinga na velhice, não nos encontramos preparados, cultural e emocionalmente, para aceitarmos tais manifestações. Ainda mais pelo fato de compartilharmos de uma sociedade que cultua a juventude, a saúde, a beleza e o futuro; na qual a imagem do idoso, frequentemente, é descartada da engrenagem social. A consequência, na maioria das vezes, é que o idoso acaba por adquirir uma imagem de si próprio como a de uma pessoa ultrapassada pelos novos tempos. Sem contar com os atravessamentos da tecnologia, pois a experiência contemporânea do envelhecer se faz em meio a uma infinidade de técnicas de manutenção corporal. Nesse contexto, na medida em que o corpo jovem passa a ser representado como um bem que pode ser conquistado, o corpo envelhecido transforma-se num problema que pode ser solucionado. Assim, a velhice está como um

desvio no desenvolvimento humano, desvio que pode e deve ser prevenido ou tratado. Configura-se um cenário em que a valorização da juventude em detrimento da velhice se associa à crença de que não há limites para a intervenção tecnológica no corpo.

Messy (1999), em sua obra “*A pessoa idosa não existe*”, utiliza-se de uma afirmativa que pode vir ao encontro dessas reflexões: a “pessoa idosa” não existe como uma entidade individual, e apenas como um termo social que não tem realidade humana. Isso não impede que a descrevam com seus usos e costumes, seu temperamento, seus defeitos. Mas projeta aos mais jovens uma imagem da velhice bastante ameaçadora, incapaz de corresponder a um ideal atingível, como ocorre em outras culturas. Esse ideal de ego que envelhece adquire um aspecto de bicho-papão do ego, contra o qual vai se quebrar mais de um espelho.

Atualmente, pensar a velhice tornou-se quase uma obrigação das sociedades do mundo inteiro. No Brasil, ela vem preocupando estudiosos de diversas áreas, já que existem dados estatísticos recentes que acusam um crescente número de idosos no nosso país e, principalmente, no Estado do Rio Grande do Sul onde o velho tem uma maior expectativa de vida. Isso poderá resultar, num futuro não muito distante, em sérias conseqüências, pois um país como o nosso, não se encontra preparado para enfrentar problemas desse âmbito, em que a população tida como dependente e que inclui os jovens e os aposentados tornar-se-á maioria em relação à população economicamente ativa. Isto quer dizer que haverá uma desorganização na estrutura social à qual estamos acostumados, e pergunta-se então: “Que velhices estão sendo produzidas hoje?”.

Tudo isso para dizer que, infelizmente, a discussão atual sobre a velhice apenas emergiu após ter atingido tais proporções. Somente assim para se fazer lembrar daqueles que existem excluídos dos padrões de moda e de sucesso ditados por uma sociedade, intimamente, ligada à idéia do descartável e, portanto, do consumo constante. E sabe-se que esse consumismo exacerbado, salvo raras exceções, não vem ao encontro da realidade do idoso brasileiro. O Estatuto do Idoso, reformulado recentemente, está como prova do descaso da sociedade para com as demais problemáticas do idoso, pois denuncia a necessidade de se criarem leis que atestem a sua existência e impor, por elas, regras para que se possa garantir um mínimo de respeito para com o velho.

Esta breve introdução se prestou a contextualizar a velhice que pretendo apresentar a seguir. É bastante comum, quando nos propomos a pensar a velhice, primeiramente, questionarmo-nos “O que é realmente a velhice? A partir de quando se fica velho?” ou ainda “Como se envelhece hoje?”.

Goldfarb (1998) reflete sobre a dificuldade em categorizar a velhice e acredita que a principal delas consiste que a velhice não é unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação. E conclui que, na maior parte do tempo, não existe um “ser velho”, mas um “ser envelhecendo”. Portanto, é um processo irreversível que se inscreve no tempo.

Já Mannoni (1995) acredita que a velhice nada tem a ver com uma idade cronológica. Defende a idéia de que, além de ser uma questão de generosidade de coração, é também uma maneira de guardar em si uma certa dose de cumplicidade com a criança que se foi. Aquele que se identificou, quando jovem, ao “senhor” sério e respeitável, será sem dúvida, um avô respeitável, mas a “renúncia” (a um papel) não lhe será necessariamente mais fácil. É por isso que a noção de velhice, fixada, arbitrariamente, em 60-65 anos, com a “aposentadoria”, tem por vezes, efeitos devastadores. A entrada na velhice, segundo a autora, faz-se então a partir dessa obrigação de abandonar a vida ativa.

Segundo Messy (1999), ao se falar em envelhecimento, deve-se imediatamente, remeter-se a duas noções contraditórias: a de perda (que evoca a idéia de desgaste, de enfraquecimento, de diminuição) e a de aquisição (que evoca a idéia de bonificação, de maturação, de acréscimo). Porém, nossa sociedade reserva à juventude o benefício e à velhice o déficit. Então Goldfarb nos faz o seguinte questionamento:

De que sujeitos falamos, quando como psicanalistas falamos de velho? O sujeito velho que fala na clínica e na vida nos fala de tempo o tempo todo. Fala-nos de uma consciência de finitude, fala de morte e de um corpo imaginário que se nega a envelhecer e que não se reconhece no espelho. Fala de temporalidade (1998, p. 24).

Segundo Santos (2003), a trajetória de vida do ser humano é um somatório das experiências vividas, de forma muito particular, por cada um. Portanto, entram em jogo os valores, as metas, a compreensão e as interpretações pessoais que temos do mundo. Estamos ainda condicionados às determinações da hereditariedade, do social e do cultural que exercem grande influência nas escolhas e decisões que tomamos ao longo da vida. Tanto na velhice como na infância, na juventude e na idade adulta, existem etapas de transformações físicas, biológicas, emocionais e sexuais. A forma como cada pessoa envelhece está de acordo com suas condições subjetivas e, muitas vezes, ocorre que a realização dos prazeres da vida é postergada

para a velhice, coincidindo com a chegada da aposentadoria, entendida como sendo o tempo ideal para isso.

Mas Mannoni (1995), referindo-se ao “sonho da aposentadoria”, lembra-nos que a realização está longe de ficar sempre em conformidade com o princípio do prazer presente na origem da fantasia. O real⁴ (aquilo que não tem jeito) está como obstáculo sob os traços do impossível não podendo, a partir de então, ser reconhecido dessa forma pelo sujeito. Assim a pessoa acaba se apegando às vias do desprazer, a não possibilidade de expressar, em palavras, o vivido de um presente em que o sujeito não encontra mais seu lugar. O olhar do outro que deveria lhe servir como um suporte o decompõe. A autora ainda menciona a existência de uma teoria do desengajamento, cuja a idéia é de que as pessoas idosas se retiram, elas mesmas, de toda a vida social. A partir disso, ela critica o fato de a sociedade não refletir facilmente se não é ela própria que determina aos idosos essa obrigação de se retirarem da vida ativa.

O discurso médico contemporâneo sobre a sexualidade, por exemplo, quando se refere ao idoso, é dotado de explicações em nível orgânico, funcional, na ordem da patologia, ditando limitações e possibilidades, soluções para as “falhas” por meio de tratamentos modernos, medicamentosos ou cirúrgicos, criam-se fórmulas milagrosas para combater a impotência sexual e até mesmo se fala da ansiedade presente nesses casos (devido, principalmente, ao medo de “falhar”), mas de todas as formas, comumente se associa velhice à doença. Fala-se apenas do corpo funcionando ou não funcionando do velho como se esse fosse uma máquina defeituosa que deva ser consertada e não costuma se questionar, de nenhuma forma, onde estão situados o desejo, as fantasias, os sonhos do sujeito que envelhece e que se encontra velho. Eles existem? Para quem? Sem mencionar as angústias, os conflitos, as perdas significativas, não como sinônimos de doenças ou demências, mas como constituintes de um processo natural da vida: o envelhecer.

A medicina ainda oferece a possibilidade de retardar ou evitar o processo de envelhecimento por meio de suas intervenções cirúrgicas, reparadoras e estéticas. Por temer à velhice, cresce a cada dia o número de pessoas que se utilizam desse recurso para adiarem os sinais visíveis do tempo. Isso resulta numa certa perda do senso do que seja envelhecer,

⁴ A concepção lacaniana de “real”, nos diz Diatkine (1999), é bem diferente da de “realidade”. O real, segundo Chemama (2002), é aquilo que, para o sujeito, é expulso da realidade pela intervenção do simbólico. Ele não é essa realidade ordenada pelo simbólico, que a filosofia chama de “representação do mundo exterior”. É definido como o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita e, por conseqüência, não cessa de não se escrever.

ao mesmo tempo que produz uma nova configuração corporal que altera a imagem do sujeito velho, suas semelhanças familiares, suas marcas vitais, etc. Tudo pela busca de substituir um traço individual por um outro traço idealizado diferente do seu. E resta àqueles que não se enquadram a esses padrões de ideal a exclusão, e passam a ser apontados como desleixados e indiferentes com o próprio corpo. Será que os avanços da medicina não estariam colaborando para a construção de um imaginário da imortalidade? Ou contribuindo com a ilusão de que o homem pode acabar com toda e qualquer falta, tentando cobrir todas as falhas humanas? Esse discurso médico condiz com o velho que sofre com as intempéries do tempo ou se refere a um amontoado de órgãos e tecidos?

Birman (1980) acrescenta que existe o plano essencial da sexualidade, estruturante do sujeito, e que foi em torno da invenção desse objeto que a psicanálise se constituiu como discurso teórico sobre a loucura. A “descoberta” de um corpo libidinal, ausente/presente⁵ na histérica, rompeu com todos os discursos médicos que defendiam a existência de um corpo exclusivamente *biológico*. A sexualidade, já não mais limitada à função de reprodução, passa a priorizar o prazer, constituindo-se como algo possível, marcada pelas suas vicissitudes que ampliam ou estreitam as pretensões do sujeito ao gozo. Tanto em espaços técnicos quanto sociais, há a evidência do corpo sexual, embora atualizando os fantasmas do sujeito e seu conflito com as inúmeras proibições, na incessante busca pela satisfação.

Atualmente, a sexualidade é encarada como fazendo parte, quase que exclusivamente, das vivências da juventude. Aí sim se pode até falar em prazer e em liberação sexual, mas para o idoso, a realidade é outra: a sexualidade e o idoso mantêm uma longa distância, cada qual no seu extremo, ao menos numa visão cultural. Porém, sabe-se que, por meio de um entendimento psicanalítico, a sexualidade é algo indissociável do ser humano, independente da fase na qual o sujeito se encontra. Desde os primeiros anos da infância, deparamo-nos com ela e nos é conhecido que não existe um prazo que indique seu fim. O homem, na realidade, é movido pelas pulsões libidinais e, enquanto existir vida, elas se farão presentes e ativas. O problema se efetiva no momento em que uma cultura hipersexualizada, como a nossa, constrange-nos a ter uma vida sexual feliz e, altamente prazerosa, em contraste com há pouco tempo quando se negava

⁵ De acordo com Chemama (2002), a concepção freudiana pressupõe que a relação psique-soma é de dois lugares, ocupando a psique a posição mais elevada, separados por uma barra ultrapassável por uma representação psíquica. Dessa forma, Freud sugeria o abandono do debate clássico entre psicogênese e organicismo da histeria, sendo o problema apresentado por esta neurose o do encontro entre o corpo biológico e o “representante pulsional”, da ordem da linguagem, isto é, um significante. O sintoma seria então uma mensagem que deve ser entendida em seu valor metafórico e inscrita em hieróglifos em um corpo enfermo.

o prazer da sexualidade em prol da sexualidade reprodutiva. Então o que contribui para distanciar o idoso da idéia de sexualidade é justamente o ideal sexual da maioria dos sujeitos em contrapartida com o modo como os velhos vivenciam sua sexualidade.

Segundo Foucault (1988), há historicamente, duas maneiras de produzir a verdade sobre o sexo: por meio da confissão e da discursividade científica. As sociedades como a China, Japão, Índia, Roma e as nações árabe-muçulmanas adotaram uma arte erótica, na qual, a verdade é extraída do próprio prazer, ou seja, esse não está subordinado a uma lei absoluta do que é permitido ou proibido, nem à função de utilidade. Pelo contrário, este saber sobre o prazer deve recair na própria prática para que assim seja conhecida sua intensidade, sua duração, suas qualidades específicas e suas conseqüências no corpo e na alma. E ainda se constitui num saber que deve permanecer secreto, discreto, pois, segundo a tradição, é justamente isso que lhe garante a eficácia. Já a nossa civilização não possui essa *ars erotica* mas, em compensação, pratica uma *scientia sexualis*, o que significa tentar ajustar o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A partir de então, a sexualidade foi definida como sendo, “por natureza”,

[...] um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo desencavar a escuta (1998, p. 67).

De acordo com Laplanche (2001), a sexualidade, na experiência e na teoria psicanalítica, não se refere apenas às atividades e prazeres que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas também a todas atividades e excitações presentes desde da infância que geram um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica (fome, respiração, função de excreção, etc.) e que se encontram como componentes na chamada forma normal do amor sexual. E Freud (1905) acrescenta que as moções sexuais da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que as funções reprodutoras não estão enfatizadas e, por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e passariam a se sustentar em pulsões que, dependendo do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam acarretar sensações desprazerosas. Consequentemente, elas despertam forças anímicas contrárias que, para uma supressão eficaz desse desprazer, erguem os diques psíquicos já mencionados: asco, vergonha e moral. Aqui

se pode realizar uma comparação com a velhice, pois nessa também não são enfatizadas as funções reprodutoras, ainda a atividade sexual tende a diminuir e a repressão, no que diz respeito às expressões da sexualidade, a aumentar. As conseqüências, portanto, são as mesmas: asco, vergonha e moral. O idoso, por não saber lidar com sua sexualidade, nessa fase do desenvolvimento em que se encontra, pois ela modificou-se, consideravelmente, em relação a seus momentos anteriores da vida e não condiz com os padrões de prazer sexual ditados por uma sociedade considerada “jovem”, nega-a e defende-se de suas manifestações, geralmente, por meio dessas reações de repulsa.

Segundo Mannoni (1995), se existe uma decadência psíquica no velho doente, isolado ou mal tolerado em sua família, ou na instituição, é porque, na sua relação com o outro, ele deixa de ser tratado como um sujeito e torna-se, basicamente, objeto de cuidados, aniquilando qualquer possibilidade de um ancoramento do seu desejo no desejo do Outro⁶. A autora acrescenta, a partir de seus estudos que a pessoa idosa, quando constata que não pode mais agir como antes sobre o mundo ambiente, não tem, ao que parece, outra escolha senão retirar-se (do mundo) na depressão. Concomitantemente, à diminuição das funções vegetativas, a angústia concretiza-se na agitação e nas interpretações paranóides.

Freud (1916) nos fala dos sentimentos comuns de revolta ou inconformidade despertados na grande maioria dos seres humanos no que tange à decadência de tudo o que é belo e perfeito. Insistimos em crer que, de alguma forma, a beleza deve ser capaz de persistir e de escapar dos poderes de destruição. Porém, essa exigência de imortalidade, justamente por ser um produto de nossos desejos, não obtém, como resultado, a efetividade da libertação do que é finito, bem pelo contrário, não conseguimos nos desvencilhar da realidade da morte. O que não significa que, mesmo conscientes disso, não venhamos a nos iludir novamente sobre a nossa própria imortalidade, já que negá-la é uma defesa inconsciente perante o sentimento de angústia. E, embora saibamos que a transitoriedade não é uma operação própria à velhice, mas que é algo intrínseco ao humano em toda sua extensão, não podemos negar que há algo, particular ao envelhecimento: uma certa contabilidade do limite do tempo dado à vida humana como anúncio de uma morte biológica.

Segundo Mannoni (1995), quando se fala em velhice, começa-se a listar tudo o que enfraquece com a idade: a visão, a audição, a firmeza no andar, a memória que vacila, as relações sexuais que se tornam cada vez mais

⁶ De acordo com Diatkine (1999), o “Outro” é, indiscernivelmente, o Inconsciente ou a Mãe; o “Outro” é o tesouro de todos os significantes que modelam a demanda do sujeito.

raras, devido, freqüentemente, à impotência do cônjuge. Quase não se fala da sexualidade que se transforma em ternura, nos contatos a serem mantidos pela voz, o olhar, o toque. Esquece-se que sonhar com o amor permanece possível. Os lutos feitos, sucessivamente, pelas capacidades perdidas têm que se acompanhar de possibilidades de outros estímulos e da permanente reinvenção de si com o outro. Para isso, teria de haver, indispensavelmente, um mínimo de presença de outrem. Sabe-se que, em todo sujeito, há uma procura infinita e um pouco enganosa de se completar no outro e é essa a parte de si, justamente a não encontrada que faz do sujeito um ser mortal. Mas são os preconceitos que nos levam a pensar que a “andropausa”, no homem, seja sinônimo de dificuldades sexuais, quando na verdade, a diminuição do hormônio masculino não significa, necessariamente, um déficit no mecanismo da ereção. No entanto, alguns homens, por medo de não serem mais potentes, renunciam e fogem de toda relação sexual. A mulher, a partir da menopausa, fica livre dos temores de uma gravidez, o que possibilitaria uma vida sexual mais serena, podendo mesmo ser mais agradável do que antes. De fato, os verdadeiros obstáculos a uma vida sexual são, principalmente, de ordem psicológica e social.

Mesmo tendo havido um investimento maior nos meios de comunicação, como por meio de *sites* na internet e revistas, por exemplo, em informações referentes a essa temática, as limitações ocorrem por desconhecimento de que a sexualidade, mesmo com certas diferenças, pode ser prazerosamente exercida em qualquer idade e, embora as características da resposta sexual se alterem, permanecem presentes durante toda a vida. A vivência da sexualidade, na velhice, nada mais é do que a continuação de um processo que teve início na tenra infância: são as alegrias, as culpas, as vergonhas e as repressões de cada sujeito (associadas às modificações fisiológicas e anatômicas que a idade impõe) que determinam a conduta sexual do idoso. Geralmente, nas mulheres, apresenta uma menor preocupação pela função sexual e um maior detrimento pela perda estética do aspecto juvenil. Já, nos homens, é mais comum a preocupação com as mudanças fisiológicas, o que pode levar ao surgimento da ansiedade, pois o problema centra-se no medo de “falhar” ou de não conseguir satisfazer a companheira. Por outras vezes, pode acontecer que ocorra uma diminuição ou a anulação da atividade sexual (ou da expressão da sexualidade) devido ao receio dos agravamentos de doenças orgânicas. Conclui-se então que questões orgânicas à parte, sentir-se velho pode ser causa de impotência.

Não há dúvida de que os avanços da ciência se dão para contribuir para uma melhor vivência da velhice, na tentativa de amenizar suas perdas, mas continuam ainda assim incapazes de aliviar o sofrimento de perdas significativas irreparáveis e das diversas conflitivas que invadem o Eu. Isso

é um fato que me leva a salientar que os avanços em benefício a uma melhor vivência da velhice não devem se limitar apenas às conquistas da ciência e da tecnologia, mas deve-se atribuir à sociedade a responsabilidade de pensar e investir em uma valorização da experiência singular e vital do envelhecer. É preciso dar ouvidos ao que não se reclama ou buscar evidência ao que nos é invisível aos olhos, já que o discurso sobre a velhice hoje, gira em torno das possibilidades de rejuvenescimento.

Segundo Goldfarb, a velhice pode ser caracterizada por um período de perdas de objetos significativos e de lugares de reconhecimento simbólico o que acarreta a falha freqüente da função reguladora do Ideal do Eu⁷. Então, no confronto entre o Eu Ideal⁸ e a realidade corporal, presentifica-se a incompletude, que destrói todas as imagens narcísicas que constituíram o Eu. “Abrem-se assim buracos por onde se filtram as fantasias inconscientes de castração e aniquilamento ligadas a um Eu fortemente desvalorizado” (1998, p. 29). Perde-se a beleza física padronizada, ditada pela moda atual, a saúde plena, o trabalho, os antigos colegas, a família, o bem-estar econômico e, fundamentalmente, a extensão infinita do futuro; e mesmo que haja uma qualidade de vida preservada, já não pode ser evitado o sentimento de finitude que se instala sem pedir licença, tornando-se ainda necessário aceitar o domínio inelutável da pulsão de morte. Essa consciência da própria deterioração é que põe fim à onipotência e, apesar disso, é preciso seguir lutando: o Eu, antes de qualquer outra coisa, exige continuidade, que só será garantida pelo fluxo constante de investimentos em objetos significativos. Sem dúvida alguma, é uma luta difícil, pois o luto que deve ser elaborado é o da própria vida, é um luto que age por antecipação, luto por objeto ainda conservado, porém condenado, e a ameaça de aniquilação pela morte não é um sentimento ao qual alguém se adapte. A autora complementa que, em qualquer idade, a questão fundamental é manter-se vivo, mas que, no final da vida, esse trabalho torna-se muito mais difícil, pois o Eu que se constrói no tempo sucessivo e linear se confronta então com uma dupla exigência: renunciar a uma certa forma de continuidade biológica e conservar um sentido para essa vida que, fatalmente, lhe escapa. A identidade resulta então em um trabalho psíquico de integração dos limites para construir uma continuidade ideal sobre algo que é descontínuo.

Ao mencionar a morte, Goldfarb (1998) a traz como algo inconcebível, que constitui a violência própria do ser temporal, ser para a morte. O sujeito se configura nas três dimensões do tempo: do presente, com suas dificulda-

⁷ De acordo com Chemama (2002), o Ideal do Eu é uma instância psíquica que escolhe, entre os valores morais e éticos exigidos pelo supereu, aqueles que constituem um ideal ao qual o sujeito aspira.

⁸ Chemama (2002) define Eu Ideal como uma formação psíquica pertencente ao registro do imaginário, representativa do primeiro esboço do eu investido libidinalmente.

des; evoca o passado em busca do sentido necessário e deposita no futuro as possibilidades de reparação; porém, se o futuro não existe, o sujeito se afunda em um futuro de não-ser que o destitui do campo do desejo.

Goldfarb (1998) nos chama a atenção para a utilização freqüente de eufemismos para nomear a velhice e a tudo o que a ela se refere, como se a suavização do termo “velho” pudesse livrar a sociedade de todo o peso que essa palavra remete. A autora compara a velhice a algo da ordem do diabólico, porque ela não pode ser nomeada sem ter como resultados o medo e a rejeição. Neste século, assistimos ao quase desaparecimento do substantivo “velho”, usado apenas na sua função adjetiva, quando queremos nos referir a coisas antigas ou usadas. Esse substantivo deu lugar a “um senhor de terceira idade” e a muitas outras tentativas de nomeação de algo que não é mais nominável no discurso do homem da modernidade. A autora relembra que, nas sociedades tradicionais, o velho, com sua sabedoria e paciência, transmitia os valores da ancestralidade, era um elemento na vida do jovem que colaborava para sua ancoragem no registro do simbólico, e esse era o lugar simbólico para a velhice. Porém, com as constantes transformações sociais a partir do séc. XVIII, há uma grande mudança de valores: o grupo que vive e trabalha junto deixa de ser fundante de tradições e o indivíduo isolado na família nuclear, livre das imposições da religião e da tradição, é valorizado, quase que exclusivamente, pelo que produz. Dessa forma, em uma sociedade como a nossa, os valores tradicionais vão se perdendo e o velho, por não ser reprodutor de vida e de riqueza, nada vale; o valor social da velhice passa então a ser associado à inutilidade e à decrepitude.

De acordo com Goldfarb (1998), o velho não existe na modernidade sob signos positivos de inclusão; só muito recentemente que assistimos ao surgimento de um mercado mais voltado para idosos, não restrito à medicamentos e serviço de saúde. Perdendo seu valor social, perde seu valor simbólico positivo. Transforma-se numa espécie de sujeito em “suspensão”, ou seja, sujeito sem projetos. Na falta de um futuro, será então sujeitado pelo passado que, na forma de uma reminiscência repetitiva⁹, produzirá um discurso que perderá significação social se ninguém o escutar. Como consequência, há uma violenta marginalização do circuito do desejo. Então o velho precisa ser isolado, escondido, para que os mais jovens não tenham que se deparar, por meio dele, com um futuro de carências de recursos, de

⁹ Segundo Goldfarb (1998), a função da reminiscência é realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente, outorgando um sentido de comando da realidade e continuidade do ser. O idoso reminescente nos diz “eu também sou tudo isso que lhes conto, embora não pareça”, “o tempo passou, mas eu permaneço”. É importante ressaltar que o montante de libido livre que não encontra objetos substitutivos será reinvestido em uma imagem ideal do próprio Eu, que estará sempre no passado.

saúde, de força e poder. Assim ele passa a simbolizar, de maneira muito clara, a impotência e a castração, nas quais os jovens depositam os aspectos mais denegridos e rejeitados de seu próprio Eu. Ao velho, “impotente” e “incapaz” de superar, criticamente, o modelo vigente que prioriza o jovem, belo, forte e poderoso, não restam alternativas senão a de se submeter, na tentativa de apagar as diferenças, à inclusão no interior do círculo de poder, não medindo esforços para tal, chegando, muitas vezes, a se comportar de forma maníaca e caricata, ou caindo no isolamento, na renúncia ao desejo. Como o sujeito é produto de um encontro entre interioridade e exterioridade, essa violência exercida pelo social propõe um modelo desvalorizado com o qual o velho se identifica, anulando a sua verdadeira condição. Isso implica numa desnarcização do sujeito. É uma falta de investimento do ambiente para com esse sujeito, e vice-versa, o que impede a elaboração da perda e acarreta um crescente empobrecimento da vida afetiva.

O escritor londrino Oscar Wilde (1996) foi o criador do personagem Dorian Gray cuja história vem ao encontro das questões tratadas aqui e possibilita a reflexão sobre o comovente desarticular da velhice. Dorian, quando jovem, tem sua beleza retratada por um artista. Ao fazer um pacto de não envelhecimento com o demônio, conserva assim, sempre a juventude e a beleza de tempos longínquos, enquanto seu retrato envelhece com os estigmas de seus crimes. Mas o encontro de Dorian com o seu retrato poderia reproduzir o verdadeiro e horrível monstro, pois como no espelho, a imagem indesejada toma conta e inunda o eu, tomando a imagem ideal como se fosse a real. Dessa forma, o autor assinala o descompasso entre a percepção e a vivência. Similarmente, diante de sua imagem despedaçada, o idoso não consegue mais reconhecer o que foi símbolo de sua presença no mundo, ele se descobre como um outro, um estranho. Ocorre um processo de desconstrução da sua imagem – a imagem de si próprio não se mantém mais assegurada - e de erosão do corpo que leva o idoso a penar com questões cruciais sobre sua identidade e o lugar que ocupa no meio em que vive. Esse processo é sentido pelo idoso como um amargo desvanecimento de tudo aquilo que era considerado por ele como real.

Portanto, se a infância inocula e a juventude reconfigura e/ou confirma a referência simbólica contida no sintoma parental e nas identificações e essas duas estruturam a idade adulta, nenhuma das três, contudo, estrutura a velhice, e sim, as suas ausências. Então o idoso recorre ao tempo perdido, falando da infância e da juventude como uma forma de minimizar sua angústia pela evidência premente da morte. Esse processo é dificultado, quando ele se encontra perdido em meio a um mundo que não lhe proporciona a escuta ou o olhar capazes de lhe servir como um ponto de ancoragem no

campo do desejo, podendo gerar sintomas. O resultado é que ele acaba por acreditar que não possui, ou que não deva possuir desejo algum. A partir de então, o sujeito que envelhece age como se tivesse que, paulatinamente, ir se despedindo da vida, privando-se, pouco a pouco, de tudo aquilo que lhe proporciona prazer. Seria como uma tentativa de elaboração do luto da própria vida, a partir dessas perdas constantes e ininterruptas, muitas vezes impostas por ele mesmo. Mas isso não deve ser tomado como regra, pois cada sujeito busca a forma mais saudável que o seu Eu disponibiliza para se proteger contra a angústia do fim que se aproxima.

Além disso, embora saibamos que o desejo da imortalidade alimenta nosso imaginário, há um aspecto que aponta para o caminho contrário e que se faz presente, de forma mais evidente, no processo de envelhecimento: o inexorável declínio físico da vida humana. Há, portanto, a tentativa de mascarar a realidade do envelhecimento e da morte agarrando-se, com toda a força, aos novos recursos oferecidos pela ciência e pela tecnologia, como última alternativa de esconder as marcas do tempo inscritas no corpo. A transformação do que é visível aos olhos nada mais é do que a ilusão de enganar aos outros e a si próprio, principalmente, da deterioração da vida. Busca-se então concretizar o inconcretizável, ou seja, anular o contraste sentido entre as vivências do corpo que se desgasta e a realidade do inconsciente com o desejo de vida inscrito nele. Ocorre um processo de negação da realidade como uma defesa diante do fim e, para o sujeito velho, o “mal” do tempo vem representar aquela exterioridade ante a qual é possível ainda algum tipo de defesa. O que percebemos hoje é que o velho não se permite mais tomar suas reminiscências como aliadas na luta contra essa angústia de morte, já que lhe são oferecidas outras formas “mais eficazes” (e visíveis) de escapar da ferocidade do tempo e que se configuram na ordem do concreto. O corpo jovem, belo e saudável não é apenas colocado como um ideal, mas passa a ser discursado como um bem que pode ser adquirido por meio de medidas simples e pouco dispendiosas. A ciência então intervém, tecnologicamente, no corpo humano, alterando suas formas. Paralelamente, intervém simbolicamente, no indivíduo, alterando suas representações. Isso dificulta a relação das pessoas com essa nova imagem, levando-as a rejeitar o envelhecimento como um processo dinâmico, gradual, natural e inevitável.

Cada vez mais, questões como beleza e desempenho sexual deixam de ser qualidades fortuitas e passam a ser vistas como algo a ser conquistado pelo indivíduo. De acordo com Millan (2002), a tecnologia de que dispomos hoje interfere, diretamente, na relação do sujeito com o tempo, na medida em que se pretende, em última instância, reduzir o intervalo entre o aparecimento

de uma necessidade – que não pode ser entendida como sinônimo de desejo - e o encontro com o objeto de sua satisfação. Cedemos à tirania da urgência. Com isso, vamos perdendo o contato com a nossa própria subjetividade. Na realidade, ocorre uma verdadeira aversão a tudo aquilo que nos causa um mínimo de desprazer e, portanto, fugimos desesperadamente de toda e qualquer manifestação dos nossos conteúdos psíquicos, principalmente, quando se referem às angústias e aos conflitos decorrentes das nossas próprias vivências. Com o velho isso não é de todo diferente, mas chega-se a um momento em que não há mais possibilidades de fuga, pois esse se defronta com apenas uma certeza, a da irreversibilidade do tempo.

Segundo Millan (2002), podemos pensar o tempo subjetivo em oposição ao chamado tempo objetivo. Este último compartilhado, medido pelos relógios, calendários e ciclos da natureza, é algo dado, externo a nós. Entretanto, a maneira como apreendemos esse tempo, nossa percepção, interpretação e elaboração, vai depender de uma série de aspectos inerentes ao nosso psiquismo. O resultado dessa dialética entre esses “dois tempos” será fundamental para a construção da nossa relação com o mundo.

Pelos conceitos psicanalíticos, o inconsciente é atemporal e não corresponde à lógica do tempo *kronos*, portanto, pensa-se que a lógica do desejo do sujeito, inscrita no inconsciente, não corresponderia, diretamente, ao déficit corporal do sujeito velho com a instância do corpo desgastado, justamente pelo fato de o desejo ser também de ordem atemporal. Há então uma dialética conflitiva entre o tempo do inconsciente e o tempo cronológico. O estágio do “espelho quebrado” de Messy (1999) remete a essa questão da ilogicidade do inconsciente atemporal, pois no momento em que o idoso se depara com sua imagem “fragmentada” no espelho, ele não a reconhece como sua e assusta-se com o que vê. Essa imagem que o mundo externo lhe apresenta não condiz com a imagem ideal que provém do seu mundo interno, suscitando, no sujeito, uma confusão de identidade, reforçada pela perda do seu lugar no social. Dessa forma, seria válido, para que o sujeito pudesse se reconstituir diante de si mesmo, que houvesse uma ressignificação da representação de velhice na nossa cultura. Não pretendo, com isso, dizer que as vivências conflituosas na velhice se fazem, exclusivamente, devido ao rechaço cultural que caracteriza a relação da nossa sociedade atual com ela, mas defendo a idéia de que é realmente muito difícil pensar o sujeito sem pensar o meio em que vive.

Segundo Santos (2003), para a psicanálise, o desejo não está demarcado pelo tempo cronológico, mas por inscrições de significantes que estão na base da constituição do sujeito, enquanto sujeito do inconsciente. O que vai erogenizar, libidinizar cada um, está para além de uma questão

estética puramente determinada pela idade, pelo consumo, pela mídia, pois refere-se ao que produziu satisfação nas primeiras experiências e que inscreveu marcas, representações, significantes de satisfação. Isso significa que os tabus enfrentados pelos idosos, as conflitivas decorrentes de uma cultura ou de uma realidade social não anulam a produção de desejos. O que pode ocorrer é uma produção de sintomas, ou um desacomodar do sujeito, a partir desse contraste entre o seu meio psíquico e o seu meio externo que pode, diretamente, interferir na vivência da sexualidade. E sabe-se que a economia dos investimentos, durante o envelhecimento, é altamente influenciada pela singular representação de um corpo que se deteriora e pela consciência de finitude.

Sabemos que cada sujeito vivencia, de forma muito particular, esse processo e que esse é influenciado, diretamente, por suas vivências anteriores. Sabemos inclusive que esse processo de perdas não se reduz apenas à velhice, já que nós a constituímos a partir de sucessivas perdas e da constante reelaboração das mesmas. Mas na velhice, essas são sentidas de forma mais penosa, pode-se dizer assim talvez, por não terem mais tantas possibilidades de reparação e devido a um intenso abalo narcísico vivido pelo idoso. Confesso que, durante o desenrolar do trabalho, contagiei-me com a intensidade das perdas que foram se apresentando, embora, em nenhum momento as tenha encarado com conformidade. Portanto, finalizo este estudo – por enquanto - com uma provocação e almejo com este suscitar novas reflexões.

Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda de seu valor. Pelo contrário, implica um aumento. O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. [...] A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto (FREUD, 1916, in: CD-ROM).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **Sexualidade na instituição asilar**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

DIATKINE, Gilbert. **Jacques Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Sobre a transitoriedade**. In: A Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em CD-ROM: Imago. V. XIV, 1916.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: A Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em CD-ROM: Imago. V. VII, 1905.

GOLDFARB, Delia C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LAPLANCHE E PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável: A última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MILLAN, Marília P.B. **Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo: ressonâncias na clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 1999.

SANTOS, Sueli S. dos. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. [s.l.]: Nova Cultura, 1996.